



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ROSALIA POMAR CAMARGO

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-109

Entrevistado: Rosalia Pomar Camargo

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Luanda Dutra

Data da entrevista: 04/05/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 109/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 09

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01910/2007/01

Número de registro da fita: 01910/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

CAMARGO, Rosalia Pomar. *Rosalia Camargo (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Envolvimento com a Educação Física e com a Biblioteconomia; início dos trabalhos na biblioteca da ESEF: mudanças estruturais, físicas, materiais, arrecadação financeira, doações de materiais por professores; amizades ao longo dos anos; participação em projetos em conjunto com outros professores; funcionária homenageada; relacionamento com os alunos; momentos marcantes da ESEF.

Porto Alegre, 04 de maio de 2005. Entrevista com Rosalia Pomar Camargo, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.D. – Bom, então vamos contar um pouco da tua trajetória de vida, como que tu entraste na ESEF¹ até se formar em biblioteconomia?

R.P. – Bom, a minha vida com a ESEF já vem desde a época que o meu pai² foi professor e, muitas vezes, quando era criança, vivia lá, ia para lá. As minhas irmãs eram, como se diz, candidatas a rainha da primavera, rainha do colégio. A gente ia bater fotos, às vezes a gente ia com o pai visitar. Então aquela coisa assim, de filha de professor. Em 1984 eu... Em 1983 eu entrei na faculdade de Biblioteconomia e comecei a fazer um curso e, em 1984, eu fiz um estágio na faculdade de biblioteconomia e comunicação e, em março de 1985, apareceu a oportunidade de eu ir... Estavam precisando de alguém para ficar de noite na biblioteca lá da ESEF por causa dos cursos de pós-graduação e, como eu fazia o curso, eles me chamaram. O pai falou que tinha uma filha que fazia o curso. Fui chamada para trabalhar lá e assim que comecei. Comecei a trabalhar na biblioteca. Nesse período a gente estava... A biblioteca, em Junho, ficou fechada um tempo para reorganização. Foi feito um mutirão com as bibliotecárias da biblioteca central. Eu tive férias nesse meio tempo, porque, durante o período em que os cursos de pós-graduação não funcionavam, a biblioteca não precisava funcionar de noite, então não trabalhava no meio do ano. Quando eu voltei, já tinha, já estava essa questão toda assim de, como é que se diz, de reorganização. Daí já estavam as duas bibliotecárias, a Paulete³ e a Ângela⁴. Não sei se tu chegou a fazer alguma coisa com ela.

L.D. – Não, a Paulete a gente esta tentando encontrar de novo.

R.P. – Eu tenho o telefone dela.

L.D. – A gente tem, mas a gente liga e não...

¹ Escola de Educação Física - UFRGS

² A entrevistada é filha do professor Francisco Camargo Netto

³ Paulette Golbert

⁴ Angela Lacerda Leão

R.P. – É. Será que... E ai assim, a Paulete começou a classificar a parte dos livros e a Ângela a parte dos periódicos e eu, como estudante do curso de biblioteconomia, também ajudando elas. Tinha o Eduardo⁵ que trabalhou na biblioteca, que trabalhava na secretaria, tinha a Néia⁶ que foi nossa bolsista, tinha o Maiquel⁷. A última vez que eu falei com ele estava na enfermagem, trabalhava na biblioteca. Então a gente passou, se passou a essa organização da biblioteca. A sala da biblioteca ficava agora onde hoje é o pós-graduação. Ali, ficava no meio e de um lado ficava uma sala com ginástica rítmica e do outro lado ficava um piano que tocava musica de noite. Era um ótimo lugar para trabalhar em uma biblioteca. De vez em quando, tocavam aquelas músicas de gaúcho e tinha... Era assim, a gente estava fazendo trabalho ou estudando e começava aquela música de piano tocando ou música gaúcha tocando do lado. Então era... Acho que foi, não tenho nem idéia assim, acho que foi em 1987 que a gente foi para o prédio novo - que foi construído aquele prédio das salas de aula e que a gente ganhou o prédio da biblioteca - ganhamos uma sala para a biblioteca e ai fizemos a mudança. A Ângela também saiu e eu já tinha me formado em dezembro de 1986 e, em março, eu assumi a chefia... Não. O setor de periódicos que a Ângela tinha saído ficou a Paulete e eu com as bibliotecárias. E a gente começou a organizar. Depois começamos com a base de dados do SABI⁸, que a gente teve que reclassificar todos os livros, passar tudo para dentro do computador. Todos não, porque a gente não conseguiu trazer todos.

L.D. – Como que vocês encontraram... Como tu encontrou quando tu chegou... Muito desorganizado?

R.P. – É, era assim, a biblioteca, quando eu cheguei, ela tinha os livros, eram uma lombada escrita com canetinha, com papel, aquele, fita crepe e canetinha. Números, assim, milhões de números repetidos. A pessoa que estava trabalhando na biblioteca era uma bibliotecária, mas era somente uma pessoa. Então tinham muitos problemas, inclusive de fazer tudo que se tinha que fazer na biblioteca, atender a Ana⁹, fazer outras coisas e então assim, quando teve esse mutirão, muitas coisas foram retiradas do acervo, foi doado. Porque tinham

⁵ Nome sujeito a confirmação

⁶ Nome sujeito a confirmação

⁷ Nome sujeito a confirmação

⁸ Sistema de Automação de Bibliotecas foi implantado em 1989 e adota o software Aleph 500 para gerenciar as atividades e serviços oferecidos pelas 33 bibliotecas da UFRGS.

coisas que não faziam parte do acervo da ESEF. Tinham até livros de anatomia de cavalo, livros bichados que estavam assim... A gente tinha vários exemplares. Os periódicos, as revistas, a gente encontrou encaixotados ainda, novinhos. Leitores de micro fichas também fechados, encaixotados ainda, nunca tinham sido usados. Isso tudo a gente foi organizando, arrumando na parte dos periódicos. Depois que foi feito o registro de todos títulos que a gente tinha, a Ângela mandou carta para todas as bibliotecas, lugares que tinham algum tipo de periódicos, pedindo doações. Então a gente recebeu muito material em doação, muitas coisas a gente teve que comprar, algumas assinaturas a gente fazia. Foi mais ou menos assim que começou, porque, até então, a outra pessoa que trabalhou na biblioteca não tinha...

L.D. – Não tinha como.

R.P. – Tanto é que tinha alguns livros que a gente - tinha um estante, um armário, tipo esse aqui assim - e a gente abria e tinha um livro na estante e mais uns dez guardados. Quando sumia aquele da estante, ela pegava aquele do armário e passava para o lugar. Então assim, todo esse processo a gente que montou, essa equipe que trabalhou junto. Depois a gente teve essa mudança para o prédio novo, com as estantes dos periódicos de madeira, tudo bonitinho.

L.D. – E para conseguir dinheiro para a biblioteca, como que era? Era difícil?

R.P. – Sim, sempre era difícil, porque primeiro, a gente tinha que fazer projetos. Fizemos alguns projetos para Fapergs¹⁰. Um dos que eu me lembro que foram feitos, a gente comprou uma televisão e um videocassete e mandou fazer o armário de onde guardava a televisão e o videocassete. Tinham umas gavetas para guardar fitas cassete, enfim. Compramos um som também e depois teve o projeto do centro de memória¹¹ que eu ajudei, participei com a Janice¹², porque assim, quando a Ângela começou a classificar os livros, ela fez um... Quando a gente começou a colocar dentro da base de dados do SABI, a gente usou um critério: os livros anteriores a 1950 iriam para o acervo histórico porque eram

⁹ Nome sujeito a confirmação

¹⁰ Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul.

¹¹ Centro de Memória do Esporte (CEME)

¹² Janice Zarpellon Mazo

livros desatualizados e, os depois de 1950, ficaram no acervo. Então esse material todo a gente começou... Tinha até um [palavra inaudível]. Eles ficavam guardados em uma parte, separados da biblioteca, do setor da biblioteca. Mas, as últimas estantes da biblioteca, eram do setor histórico. Depois mais tarde... A gente tinha uma sala que era onde era a sala de estudos, que depois virou sala de vídeo e, mais tarde, virou a sala de acervo histórico. Era a salinha do lado. Agora tu não vai poder visualizar por causa do prédio novo. Já não é mais a mesma coisa. Então, o que mais... A gente conseguia, com as verbas de multas, a gente comprava livros.

L.D. – Mas era sempre limitado?

R.P. – Limitado. Era uma coisa assim, a gente conseguia algumas... Com as verbas de multas conseguia, comprava alguns livros mais urgentes. A biblioteca central conseguia alguns livros para nós, então o trabalho era mais assim. E tinha as doações dos professores antigos que vinham doando livros para a biblioteca. O pessoal se aposentava e trazia os livros para doar. A gente conseguiu algumas também depois do acervo histórico... A gente ficou sabendo que um professor, um bailarino, João Rolla¹³ o nome dele, ele estava se desfazendo dos livros dele, porque precisava de dinheiro para comprar uns medicamentos porque já estava com certa idade. E a gente ficou sabendo dessas obras, fizemos um projeto e a Universidade comprou essas obras. No dia em que fomos buscar - eu e a Paulete fomos lá - ajudamos ele a encaixotar os livros, tudo. Cada livro que encaixotava, ele contava a história do livro. Para nós foi super emocionante. Eu e a Paulete saímos de lá super emocionadas, porque... Chegamos a chorar, assim, de emoção, porque a gente sentiu o amor que ele tinha por cada livro. Cada livro tinha uma história dele e ele estava se desfazendo por uma necessidade. Uma pessoa que já estava doente e com idade e esses livros também foram incorporados no acervo histórico que está no CEME agora. Depois a gente fez um coquetel de homenagem para ele, demos de presente, acho que era umas violetas, de agradecimento por ele ter vendido para nossa Universidade que faria parte do acervo histórico da ESEF. Até então, não se falava em centro de memória, nem nada. Com o falecimento do professor Targa¹⁴ também, a gente conseguiu, com a esposa dele¹⁵, a viúva, a doação dos livros dele. Também fomos lá buscar. Nessa época acho que a Janice

¹³ João Luis Rolla

¹⁴ Jacintho Francisco Targa

já estava trabalhando na ESEF, já foi um projeto acho que do CEME e fui eu, a Janice e mais uns bolsistas. A gente buscou esse material e até foi uma coincidência o dia em que a gente escolheu para buscar. Era o dia de aniversário do professor Targa, também foi outro negócio emocionante. A esposa dele também tinha sido professora lá da ESEF. Então eles tinham muito material, muita coisa. Depois a gente foi na casa de uma outra professora...

L.D. – De dança?

R.P. – Eu acho que era de, agora não vou me lembrar o nome dela. Eu sei que essa professora, já tinha uns oitenta anos e a gente foi lá buscar os livros. Ela subiu em cima da cadeira para tirar os livros enquanto a gente botava nas caixas e levava das caixas para o carro. Então assim, tu imagina uma pessoa de idade... Eu não podia carregar peso por causa da minha tendinite e ela com oitenta anos lá em cima da cadeira tirando os livros. Então foram fatos que ocorreram. Quando a Janice começou a trabalhar lá na ESEF, ela já tinha essa idéia de um centro de memória, que ela tinha trazido de Santa Maria, e nós já tínhamos uma parte do acervo histórico da biblioteca. Então juntou “a fome com a vontade de comer”. Fizemos um projeto - a Janice fez o projeto e eu ajudei - com esse projeto a gente adquiriu os equipamentos, televisão, mais um monte de coisas, câmeras, monte de coisas assim que agora não me lembro, somente olhando o projeto mesmo pra lembrar o que se conseguiu para fazer o centro de memória.

L.D. – Computador...

R.P. – Se consegui aquele espaço que - tinham construído o laboratório de pesquisa - e se consegui aquele espaço. Então a gente mudou, tirou os livros que estavam lá na biblioteca, na sala de estudos da biblioteca e passou para a parte lá do LAPEX¹⁶. Tanto é que, no dia que nós fomos fazer a mudança, tinha coisas que ainda estavam em caixas. Quando os guris foram pegar, saíram um monte de baratas. Era um horror. A gente conseguiu esse espaço e, depois disso, começou a... Quando eu saí da ESEF em setembro de 1999, se tinha conseguido o espaço, tinha sido feita essa mudança para lá e já tinha sido adquirido os equipamentos. Depois disso, eu já tinha saído. Em 1990, passei a ser chefe da

¹⁵ Dinah Pecoist Targa

¹⁶ Laboratório de Pesquisa do Exercício

biblioteca. A Paulete continuou trabalhando, não me lembro se foi até 1995 eu acho, mas nesse tempo eu fiquei na chefia. Então o trabalho na biblioteca tem aquela rotina. Com o sistema, a gente entrou em rede com o sistema do SABI, teve todo aqueles trâmites de processamento técnico de coisas, tanto de livros quanto dos periódicos. Eu não peguei quando saí. Porque, depois que eu saí, é que começaram. Quando trabalhava lá, além da chefia, eu ficava, eu assumi a parte dos periódicos. Fazia a analítica dos periódicos, artigos de professores que eram da ESEF que faziam a produção, produção intelectual da unidade, na parte dos periódicos. Meu trabalho na biblioteca e também, quando eu estava para sair, eu estava decidindo se ficava, continuava ou não na Universidade. Ao mesmo tempo, estava decidindo a ampliação da biblioteca. Então eu olhava as plantas e me lavava chorando, porque, para mim, foi uma coisa bem difícil. Imagina trabalhar catorze anos e meio no lugar. Muitos amigos.

L.D. – Tu ver crescendo...

R.P. – Tu ver crescendo a unidade, tudo assim. Nunca tive problemas com ninguém, com os alunos, me dava super bem. Fui convidada para ser funcionaria homenageada várias vezes.

L.D. – Em que anos, tu lembra?

R.P. – Eu fui em 1990. Eu tenho aqui os convites, depois se tu quiser, eu tenho vários convites de turma para ti mostrar. Acho que a primeira turma foi em 1992. Eu fui em 1992. A turma que se formou em setembro de 1992, foi a primeira e depois, agora não vou me lembrar de cabeça, porque essa turma foi muito engraçada. Eram catorze formandos, parece que catorze ou doze formandos, e foram três funcionários homenageados. Então tinha mais gente na mesa homenageado do que formandos. E eles não conseguiram desempatar e os três eram... Eu era da biblioteca, o Marcão¹⁷ era da portaria, mas trabalhou na biblioteca e o Jair¹⁸ era do xérox, mas que também depois trabalhou na biblioteca. Na época ele até não era da biblioteca, era do setor de áudio visual, mas eram pessoas que... Eles disseram para a gente que não conseguem desempatar. Então fomos nós três

¹⁷ Nome sujeito a confirmação

homenageados por essa turma. Foi muito gratificante. Teve uma outra turma que eu não... Eles não quiseram escolher um funcionário só. Disseram que a homenagem era para todos. Mas, como eu ia nas formaturas, eles me indicaram. Então a direção me indicou para representar os funcionários. Também teve essa turma. Até foi interessante porque na época do diretor, o professor 'carioca'¹⁹, ele passava o canudo para cada membro da mesa, entregava o canudo. Naquela época a reitora não participava. O diretor era o representante do reitor e ele passava o canudo para a gente passar. Eu também entreguei o canudo para três pessoas que eram muito queridas, que eram pessoas bem chegadas na biblioteca. Os alunos, a biblioteca sempre foi um ponto de encontro lá na ESEF na época em que trabalhei lá. A gente sempre tinha que tomar cuidado, porque, às vezes, a bagunça era muito assim, em questão, porque os alunos tinham essa liberdade de chegar. Iam lá, conversavam, daqui a pouco estavam estudando na biblioteca, daqui a pouco um, de uma ponta a outra, gritava “olha fulano, tu viu o grenal²⁰ ontem?” não sei o que. Ai a gente “o pessoal, se tu quiseres falar sobre o grenal senta ali do lado dele e conversa ou vão lá na rua”. De vez em quando a gente tinha que ir. Era engraçado às vezes. Nas formaturas já aconteceu do pessoal agradecer o cafézinho que eles tomavam na biblioteca e era a gente que rachava para gente e, nessas últimas, já estava a Reitora junto. A gente morria de vergonha, eles agradeciam o departamento pelo cafézinho. O cafézinho era geral, não era somente nosso, da biblioteca. Mas era assim, o pessoal tinha um clima bem animado. Fazíamos muita festa de final de ano. Sempre teve uma confraternização entre os professores, funcionários e alunos. Eu geralmente participava das organizações das festas. Particpei também dos conselhos da unidade. Primeiro eu era funcionaria eleita, depois, como bibliotecária chefe, passei a fazer parte depois que mudou o... Virou lei isso, as bibliotecárias chefes passaram a fazer parte dos conselhos. Mas, desde o início, tenho várias participações em conselhos das unidades - antes não era conselho de unidade, era conselho departamental - e tinha outro conselho lá.

L.D. – Muitas memórias positivas.

R.P. – É. Eu não tenho... Discuti, acho que umas três vezes, e com professor... Acho que foi duas vezes com professores e uma com a Paulete e mesmo assim, sabe...

¹⁸ Nome sujeito a confirmação

¹⁹ Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”

L.D. – Nada de mais...

R.P. – Hoje em dia, nos damos super bem, não tem essa questão de magoa, saí super bem assim. Fiquei com pena de sair. Saí por questões financeiras mesmo e achei que tinha que ter outros lugares para trabalhar e agora passei em um concurso e vim para aqui, na Universidade. Vim para aqui, no Biociências. Acho que assim, aquela coisa... Até brinquei, eu fui lá conversar com o Ricardo Petersen²¹, “a Ricardo já estou na UFRGS²². Agora somente mexer os pauzinhos, de repente eu volto para lá. Quem sabe organizar o centro de memória”. Então a vida dá muitas voltas.

L.D. – Eu queria uma memória tua ou um fato pitoresco. Algo que te faça rir, te emocione. Queria que encerrasse a entrevista com alguma coisa positiva, alguma coisa que tu te lembres, que te marcou.

R.P. – É essa visita, essa ida à casa do professor Rolla que a gente foi, que a gente saiu super emocionada.

L.D. – Tu queres contar alguma história que ele contou de algum livro que tu te lembres?

R.P. – A isso não vou me lembrar. Mas assim, a gente saiu bem... Até a Paulete que, é uma pessoa super forte... Eu sou uma manteiga derretida, qualquer coisinha, até com propaganda de televisão eu choro, mas a Paulete sempre foi uma pessoa bem forte e ela, quando nós entramos no elevador, nós já estávamos cheias de lágrimas. Ficamos super emocionadas mesmo. Então foi um tipo de trabalho que eu me lembro, que foi a coisa que mais me marcou, que me emocionou. Foi isso. Fora, claro, cada formatura que a gente é homenageada, cada festa que eu ia, até nos pagodes da ESEF as quintas-feiras. Namorei algumas pessoas da ESEF, a minha vida na ESEF foi bastante assim. Tanto foi meu trabalho como foi meu lazer, minha vida afetiva, conheci várias pessoas. A gente fazia festas, tinha um grupo de alunos que, toda sexta-feira, jogava futebol lá na ESEF e depois ficavam no bar ali da frente, aquele bar que tem ali caindo aos pedaços. Aquele bar era pior [risos]. Então a gente ia para lá no final. Eu saía, ficava controlando. Trabalhava da uma às

²⁰ Partida de futebol disputada entre Grêmio e Internacional, dois times de Porto Alegre

²¹ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

sete. Então às sete horas, quando fechava sete horas, eu fechava biblioteca e ia lá para o bar e ficava conversando e jogando “snoocker”, jogando conversa fiada. Foi muito bom, porque vivi minha juventude lá, ia nas festas das formaturas. Somente tenho lembranças boas.

L.D. – Deixou saudades...

R.P. – Deixou saudades mesmo. De vez em quando eu vou lá matar a saudade, vejo uns ou outros, enfim. Agora praticamente somente os professores e funcionários eu conheço, porque aluno já mudou muito. De vez em quando eu apareço lá e encontro um ex-aluno fazendo pós ou já está no cargo de professor.

L.D. – Vê uns rostos conhecidos assim?

R.P. – E teve professores, por exemplo, o professor Álvaro²³ da fisiologia. Eu conheço ele desde o tempo em que ele era aluno. A gente acompanhou. Tem outras pessoas, o Ronei²⁴ que agora esta morando na Espanha, mas o Ronei eu conheço desde que eu tinha quinze anos. A gente ia para a colônia de férias da UFRGS juntos. Tem várias pessoas que a gente não conviveu somente na ESEF, conviveu antes ou... Tem outros professores que eram filhos de professores da ESEF que a gente conviveu quando era criança também. Então é tudo isso. Cada professor, a gente conhece várias etapas.

L.D. - Rosalia, teu depoimento foi um dos mais emocionados assim, de saudade. Eu gostaria de te agradecer, teu depoimento.

R.P. – Obrigada. Eu que agradeço assim, de fazer parte desta história. Para mim foi realmente um lugar bem bom de trabalhar. Tenho saudades mesmo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²³ Álvaro Reischak de Oliveira

²⁴ Ronei Silveira Pinto